



Religião e arte: elementos que desarmam açoitados e acoitadores em vista de uma cultura libertadora

Religion and art: elements that disarm thoughts and whickers in view of a liberating culture

José Aguiar Nobre ^[a]

São Paulo, SP, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Elizeu da Conceição ^[a]

São Paulo, SP, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Gilberto Dias Nunes ^[b]

São Paulo, SP, Brasil

^[b] Seminário de Teologia, dos Missionários Estigmatinos em São Caetano do Sul

Como citar: NOBRE, J. A.; CONCEIÇÃO, E.; NUNES, G. D. Religião e arte: elementos que desarmam açoitados e acoitadores em vista de uma cultura libertadora. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 02, p. 302-314, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.17.002.A001>

^[a] Pós-doutorado em Filosofia (UFPR); Pós-doutorado em Educação (PUC-Campinas). Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2017). Doutorando em Filosofia (UFPR). Mestre em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2012), e-mail: nobre.jose@gmail.com, orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6624-7888>

^[b] Doutor em Teologia Pastoral pela UPS-Roma (2020). Mestre em teologia pela UPS-Roma, com especialização em Pastoral Juvenil (2017), é professor de Teologia Pastoral no curso de Leigos no Setor Conquista de São Paulo, e-mail: uezile2008@gmail.com, orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1408-4033>

^[c] Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP), Mestre em Ciência da Religião (PUC-SP, 2020), Reitor do Seminário de Teologia Estigmatino em São Caetano do Sul/SP, e-mail: pe.gilbertocss@gmail.com, orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9989-3141>

Resumo

Evidenciar uma interconexão entre religião, cultura e arte, é uma tarefa do presente. A categoria hermenêutica da reserva de sentidos favorecerá essa tarefa. Os sentidos reservados no humano captam as sutilezas e interconexões existentes entre religião e arte a serviço duma cultura libertadora. Quando nos remetemos à categoria do sentido, estamos na seara da sensibilidade humana. É uma pesquisa bibliográfica, cujo problema assim formulamos: em uma cultura resistente às artes e à religião, como proporcionar uma formação acolhedora dessas riquezas? Os resultados esperados circunscrevem aos anseios de que as chaves estão exatamente na capacidade de aproveitarmos todas as oportunidades para valorizarmos as riquezas contidas tanto na religião quanto na arte para uma cultura libertadora. Utilizaremos parte da obra de Chico Buarque para a presente reflexão. Deixamos claro que estas reflexões se fazem a partir da perspectiva espiritual cristã mediante um tributo à obra de Chico Buarque, que toca o humano. E, com este esclarecimento ressaltamos a riqueza das religiões e dos humanos nas suas utopias, mesmo que sem qualquer relação com o religioso. Entendemos que uma das maneiras de efetivação dessas utopias, consiste na via do seu rigor estético e poético.

Palavras-chave: Religião. Arte. Cultura. Chico Buarque. Libertação.

Abstract

Highlighting the interconnection between religion, culture, and art is a task for the present. The hermeneutic category of the reserve of meanings will facilitate this task. The reserved meanings in humans capture the subtleties and interconnections between religion and art in the service of a liberating culture. When we refer to the category of meaning, we are in the realm of human sensitivity. This is a bibliographical study, whose problem we formulate as follows: in a culture resistant to the arts and religion, how can we provide a welcoming education for these riches? The expected results reflect the desire that the keys lie precisely in our ability to seize every opportunity to value the riches contained in both religion and art for a liberating culture. We will use part of Chico Buarque's work for this reflection. We make it clear that these reflections are based on a Christian spiritual perspective through a tribute to Chico Buarque's work, which touches the human. And with this clarification, we highlight the richness of religions and of humankind's utopias, even if unrelated to religion. We understand that one way to realize these utopias is through their aesthetic and poetic rigor.

Keywords: Religion. Art. Culture. Chico Buarque. Release.

Introdução

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Inda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa.
(Buarque, Apesar de você, 1978).

Pode parecer estranho começarmos a introdução de um artigo com o fragmento de um poema no destaque, mas compreendemos que é exatamente este o caminho para que a arte e religião -, dimensões ainda pouco exploradas sobre a sua incidência na cultura -, possam ter o seu lugar de destaque e merecido em nossa reflexão. Vale ressaltar que quanto mais a humanidade estiver exposta às riquezas daquilo que a arte e a religião poderão lhe favorecer para que tenha uma vida abundante, uma vida que seja realmente digna do ser humano, tanto mais teremos chances de iniciarmos processos na construção de uma cultura libertadora e com espaço para todos. Apesar de sabermos dos obstáculos no acesso dos humildes a determinados elementos da cultura, o “apesar de você”, como Canta Chico Buarque, sempre será válido reivindicar que a cultura esteja acessível a todos ou que todos estejam expostos a ela.

Se olharmos para as Sagradas Escrituras Cristãs, podemos observar a riqueza poética e o seu potencial na defesa de uma vida de qualidade nelas expressos. Apenas para dar dois exemplos, naquilo que Jesus de Nazaré se manifestou: “Eu vim para que tenham vida, e vida em abundância” (Jo 10,10); “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6a). Argumentamos que o ser humano que se deixa tocar pela intensidade desse propósito cristão e se permite entender que a vida das criaturas não foi sonhada para ser qualquer tipo de vida, ele sempre se esforçará para dar visibilidade à riqueza presente na religião e nas artes para que a vida em abundância seja destinada a todos. Deus não quer seus filhos com uma vida tolhida, mas abundante, encaminhada, transparente e com grande vivacidade. Entendemos que a arte possibilita ao ser humano acessar essa teleologia. Por isso mesmo, compreendemos que todos devem ser favorecidos pelas riquezas da religião e da arte. A partir delas, a vida pode ser melhor acompanhada, vivida comunitariamente com as riquezas de cada um. Isso se dá quando a vida é marcada pela transparência e alegria de uma participação exímia no mistério mesmo da Vida que é o próprio Deus, o Ser Supremo, cuja religião e arte estão como plataformas ou panos de fundos da Sua revelação.

Acreditamos e compreendemos que O Ser Supremo se interessa pelo ser humano na sua integralidade, não apenas na sua religiosidade. Este pensamento é corroborado pelo teólogo Andrés Torres Queiruga:

De sorte que aquilo por que Deus se interessa no homem e na mulher é tudo, enquanto realização positiva de seu ser. Literalmente, tudo: corpo e alma, cultura e alimento, trabalho e religião [...] Deus não é com efeito, nada ‘religioso’ porque, se religião é pensar em Deus e servir a Deus, o Abbá de Jesus não pensa em si mesmo nem busca ser servido. Ele pensa em nós e busca exclusivamente nosso bem [...] (Queiruga, 2011, p. 81).

Na revelação, em Jesus Cristo, Deus se mostra amigo da felicidade humana e empenhado para a sua efetivação na máxima medida. Então, mesmo aquele que não professa uma fé em uma instituição religiosa, mas se faz amigo da humanidade na busca do seu crescimento a partir dos mais pobres, está colaborando com o que é denominado Reino de Deus. Neste sentido, destacamos, no poeta-músico-escritor, que aqui fazemos interlocução, Chico Buarque de

Hollanda, algumas fendas para uma leitura da arte e da religião como elementos que desarmam a todos em vista de uma cultura libertadora.

Por cultura libertadora acolhemos a definição dada pelo Concílio Vaticano II e, dela, acrescentamos o adjetivo, libertadora:

Todas as coisas com as quais o homem aperfeiçoa e desenvolve as variadas qualidades da alma e do corpo; procura submeter a seu poder pelo conhecimento e pelo trabalho o próprio orbe terrestre; torna a vida social mais humana, tanto na família quanto na comunidade civil (GS 53).

Assim vemos na cultura uma dessas coisa muitíssimo importante a que se refere o fragmento acima. Indubitavelmente, a cultura está ligada à atividade humana que transforma o mundo em vista de uma fraternidade universal, dando significado à busca eminentemente humana, do sentido de sua existência. O ser humano, “uno e integral: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade” (GS 3), no exercício de sua criatividade e na condição de liberdade, está no centro da cultura e esta, será libertadora à medida em que favorece as reais condições, a todos os seres humanos para uma vida abundante. Entendemos que aí reside a mais genuína e integral vocação humana, que favorece a valorização da vida em todas as suas dimensões. E isso se torna melhor uma vez que “a nossa vida vive-se num corpo” (Comblin, 2007, p.79), encontrar as condições favoráveis mediante a vivência da arte e da religião, em todas as suas expressões acessíveis aos corpos.

É neste sentido que percebemos, na arte de Chico Buarque, um dos elementos cantados: a expressão do corpo. Assim, entendemos que o corpo humano é “eminentemente um espaço expressivo” (Merleau-Ponty, 1971, p. 157). É mister observar, desde cedo, que o corpo é o centro das atenções e, também, de muitos desconfortos. É nele que habitamos, nele somos e realizamos. Neste sentido, é possível afirmarmos “que não temos um corpo, mas que somos um corpo” (Sesboué, 1997, p. 125). No corpo está o nosso ser todo, alma, espírito. Pois, na concepção cristã, “Deus nos fez corpo. Deus fez-se corpo. Encarnou-se. [...] Nada mais digno. O corpo não está destinado a elevar-se a espírito. É o Espírito que escolhe fazer-se visível, no corpo” (Alves, 1984, p. 51). O corpo é, assim, o “tabernáculo sagrado”, do qual nasce a necessidade da arte, ou seja, do olhar, do tocar, do saborear, do dançar. Com a afirmação de que “o drible de corpo é quando o corpo tem presença de espírito” (Buarque, 2017, p. 22), percebemos essa ligação íntima da arte de Chico Buarque com a expressão religiosa do povo brasileiro. Por isso, nos propomos a discorrer sobre ‘Religião e arte, categorias que desarmam açoitados e açoitadores em vista de uma cultura libertadora’ a partir de alguns elementos da arte de Chico Buarque de Hollanda.

Defendemos o entendimento de que a religião e a arte são capazes de criar uma cultura libertadora e esta, deve favorecer a fraternidade universal levando em consideração a riqueza da multiplicidade e da diversidade cultural. Ressaltamos que, entre introdução e considerações finais, o presente texto está subdividido da seguinte forma: (1) A arte, de Chico Buarque, sua riqueza, beleza e valor; (2) A religião, sua contribuição, desafios e valores; (3) A cultura, sua capacidade de se constituir abrigando arte e religião.

A arte de chico buarque, sua riqueza, beleza e valor

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando

E a gente se amando
Sem parar
(Buarque, Apesar de você, 1978).

A esperança de dias melhores que transpassa esta letra, proporciona ao leitor o deságua de uma vida marcada pelo amor contínuo. “E a gente vai continuar se amando sem parar”! Aqui se trata exatamente da importância de uma arte e religião que, como portadoras da esperança, sejam utilizadas sem miséria a fim de que o gosto pelo desejo de uma cultura sempre melhor e libertadora possa ser implementado no imaginário social, e disso depende a ajuda de quem terá condições e ou sensibilidade para tal, ciente de que esse é o caminho de uma cultura libertadora.

Quanto ao autor do poema citado, Chico Buarque, que, no dia 24 de abril de 2023, em discurso proferido no Palácio Nacional de Queluz, em Sintra, Portugal, orgulhosamente brindou o Brasil e o mundo, com a dedicação generosa de seu Prêmio Camões a todos os que sofrem ofensas por produzirem arte em prol de uma cultura libertadora, compreendemos que ele precisa ser cantado, lido, recitado, refletido para que a sua riqueza seja cada vez mais espalhada por todos os recantos, dado que precisamos sempre da poesia para sermos alçados ao patamar da dignidade. Seguramente quem desdenha, ou se dedica à desconstrução da poesia de Chico Buarque, taxando-o de comunista, subversivo (como se esses adjetivos fossem negativos ou nocivos para a sociedade), não entendeu a riqueza deste poeta que canta o humano e, exatamente por isso, canta o divino. Em várias ocasiões, ele se declarou ateu, no entanto, como ele mesmo disse: “mas não faço disso uma bandeira” (Buarque, 2010). Em face disso indagamos: como, em alguém declaradamente ateu, podemos encontrar elementos para relacionar com a religião e falar de cultura libertadora?

Ao analisarmos o discurso de Chico Buarque, por ocasião do Prêmio Camões, percebemos a maturidade de alguém que superou o próprio ego para dar espaço ao seu povo: “Recebo este prêmio menos como uma honraria pessoal, e mais como um desagravo a tantos autores e artistas brasileiros humilhados e ofendidos nesses últimos anos de estupidez e obscurantismo” (Buarque, 2023). O homenageado se aproveitou do espaço relevante, para promover os que produzem a arte e não para a sua promoção pessoal. Está aí um grande sinal de humildade, perspicácia, profecia, partilha e caridade. Alguém que, mesmo ao ser homenageado com o maior prêmio mundial da Língua Portuguesa, não se deixa inflar o ego, mas a sua sensibilidade com o outro, se descortina com uma atitude humilde, *kenótica* em tom maior. E, nesse grandioso gesto, se revela profundamente um “religioso anônimo”, como certamente diria o teólogo jesuíta, Karl Rahner, evidenciando-o como portador de uma espiritualidade não-religiosa institucionalmente. Pois, a espiritualidade é “uma dimensão da espécie humana” (Vieira, 2018, p. 15). E, na espiritualidade de um grande grupo, dos “sem-religião destacam-se valores que são cultivados independentemente de qualquer instituição religiosa” (Vieira, 2018, p. 149), como é possível verificar em Chico Buarque.

Nesse sentido, notamos em Chico Buarque um campo fértil que contribui para o despertar de uma cultura que se beneficia da riqueza da religião, mediante a arte. Quando isso acontece em meio ao senso comum, mergulhamos no pragmatismo do cotidiano, de modo que é valorizado, cantado, refletido, e, assim, se vai combatendo, fundamentalismos.

Na verdade, o fundamentalismo é um problema contemporâneo muito mais ligado ao olhar de quem olha do que àquilo que se olha. Por isso, as espiritualidades não religiosas resgatam a ideia de espiritualidade como patrimônio cultural e não propriedade de instituições religiosas, ao mesmo tempo em que permitem revisitar as tradições religiosas a partir das inquietações do indivíduo contemporâneo e ainda dinamizar as posturas institucionais. [...] Podemos dizer então que as canções de Chico se encontram exatamente nessa relação e desvelam a capacidade humana de poetizar a vida, tarefa comum de espiritualidades religiosas e não religiosas e, assim sendo, fontes de diálogo (Vilas Boas; Manzatto, 2019, p. 99).

Vimos através deste fragmento, que, como um místico ou artesão das palavras, a arte de Chico Buarque possibilita ao humano do presente, um novo horizonte sobre a existência. Nesse sentido, há quem diga que:

Suas canções, fazem refletir não apenas pela força das palavras, mas pelo jeito melódico, pela forma de cantar e, claro, pela maneira como as palavras são encaixadas. Pode-se pensar numa certa espiritualidade, no sentido de

compreensão do mundo e sentido da vida, permeia suas canções e uma espiritualidade não-religiosa no sentido de não se ater a padrões institucionais de determinada confissão de fé. Não se encontram, propriamente críticas à fé ou às crenças em suas canções, mas críticas à religião e a instituições são bem presentes, sobretudo quando elas podem conter algo que não seja humanizador” (Vilas Boas; Manzatto, 2019, p. 100).

Enfatizamos aqui, que a posição corajosa e perspicaz de Chico para combater qualquer desumanização lhe confere um destaque e importância. Pois, mediante a sua arte, ele favorece diretamente a mais genuína religião, bem como o fomento de uma cultura humanizadora. Nesse sentido, destacamos a canção “Sobre todas as coisas” que, com sua beleza rara, nos insere na arte e na religião. Sem necessidade de digressões, observemos que a letra fala por si mesma de forma indignada, poética, religiosa e profética:

Pelo amor de Deus
Não vê que isso é pecado?
Desprezar quem lhe quer bem
Não vê que Deus até fica zangado
Vendo alguém abandonado?
Pelo amor de Deus

Ao nosso Senhor
Pergunte se Ele produziu
Nas trevas o esplendor
Se tudo foi criado
O macho, a fêmea, o bicho, a flor
Criado pra adorar o Criador

E se o Criador
Inventou a criatura, por favor
Se do barro fez alguém com tanto amor
Para amar nosso Senhor

Não, nosso Senhor
Não há de ter lançado um movimento terra e céu
Estrelas percorrendo o firmamento em carrossel
Pra circular em torno ao Criador

Ou será que o Deus
Que criou nosso desejo é tão cruel?
Mostra os vales onde jorra o leite, o mel
E esse vales são de Deus

Pelo amor de Deus
Não vê que isso é pecado?
Desprezar quem lhe quer bem
Não vê que Deus até fica zangado
Vendo alguém abandonado?
Pelo amor de Deus
(Buarque, Sobre todas as coisas, 1993).

Observando o teor da letra, não restam dúvidas, de que nela está uma grande oportunidade ofertada aos educadores, intelectuais e pensadores de todos os tempos, para provocarmos maiores oportunidades no seu uso, a fim de que mais e mais pessoas possam conhecer essa riqueza imbricada entre arte e religião presente nas canções de Chico Buarque. Quiçá, aproveitando as provocações de uma Igreja em Saída, possamos criar espaços educativos, rodas de conversas e todas as iniciativas possíveis a fim de que, cada vez mais os recursos da arte a serviço da religião,

possam forjar uma cultura humanizadora. Pois, entendemos que a “cultura é o esforço de humanização do mundo, transformação da ordem natural das coisas [...]. Exercício da liberdade humana que, interferindo [...] [na] natureza, faz nascer a história” (Mariani, 2020, p. 31).

De uma biografia particular, podemos extrair a biografia de uma geração, ou melhor, podemos entender uma realidade que se revela na obra artística de uma pessoa.

Importa, no caso da obra de Chico, recuperar os elementos da biografia de uma geração, apontando o paralelo evolução política/evolução poética. Em outras palavras, pode-se ver aqui, em que medida uma biografia individual, pode ser reveladora de uma crônica social (Meneses, 1982, p. 18).

É exatamente ao tocar no social que a sua contribuição pode ajudar a cultura se tornar cada vez mais libertadora. O mundo presenciou em abril de 2023, essa situação ao ter a cerimônia do maior prêmio da Língua Portuguesa, o Prêmio Camões, durante a qual Chico, como alguém que tem consciência de sua vida coletiva evidenciando que ela é perpassada pela riqueza genuína da cultura brasileira, assim se pronunciou: “O meu pai era paulista, meu avô, pernambucano, o meu bisavô, mineiro, meu tataravô, baiano. Tenho antepassados negros e indígenas, cujos nomes meus antepassados brancos trataram de suprimir da história familiar” (Buarque, 2023). O reconhecimento de sua história e a consciência de suas raízes nos ajudam na leitura da realidade de seu povo, ou seja, ele parte do micro ao macro, da própria história, à história de seu povo. Em seu discurso, não se vitimiza: “Como a imensa maioria do povo brasileiro, trago nas veias sangue do açoitado e do acoitado, o que ajuda a nos explicar um pouco” (Buarque, 2023). É perceptível aqui, a sensibilidade de um poeta escritor que se sabe ser contemplado na coletividade. Chico Buarque demonstra assim, o seu sentimento coletivo. Se fosse um egoísta, diria no singular, “o que nos ajuda a me explicar um pouco”, mas não, ele se coloca, intencionalmente como um entre os outros.

Desse modo, observamos que Chico Buarque além de compositor e cantor, se dedica à literatura como uma paixão e uma missão. E, parafraseando Maria Clara Bingemer, podemos afirmar que a religião “tem parentesco próximo com o espírito que inspira os poetas e os escritores” (2015, p. 13). Argumentamos assim, que a arte e a religião estão muito próximas, porque, ambas revelam uma beleza que precisa ser apreciada com o desprendimento humano em prol de uma cultura cada vez mais humanizadora. Ambas remetem, através do corpo visível, a dimensões do corpo que são invisíveis, mas reais.

A religião, sua contribuição, desafios e valores

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague
(Buarque, Deus lhe pague, 1971).

No leque da integralidade humana é fundamental considerar, também, sua dimensão religiosa. Nesta consideração precisamos esclarecer que nenhuma dimensão deve sobrepor à outra, ou seja, a complementariedade é que dá sentido profundo ao ser humano e à cultura. Deus nos criou humanos, abertos ao mistério divino, mas, antes de tudo, humanos.

Deus não criou homens e mulheres ‘religiosos’, mas, simples e somente, homens e mulheres ‘humanos’. E qualquer dimensão concreta – inclusive a religiosa – só representa uma concretude particular dessa humanidade. Concretude que terá sentido autêntico à medida que, unida às demais, contribui para torná-la mais plena e exitosa (Queiruga, 2011, p. 81).

Elucidamos, assim, que o pensar teológico nos ajuda a compreender a fonte de riqueza e consistência que brota do humano religioso e de sua integração à instituição religiosa. Esta riqueza tem o potencial de libertar o

humano das amarras que produzem descartes, mas tem o potencial também de ser produtoras de rejeitos humanos. Olhando para o fragmento da canção acima, ver o quanto é importante a dimensão da gratuidade e da atitude de gratidão ao invés de cairmos nas lamentações que em nada contribui. Sendo assim, enfatizaremos caminhos de contribuição que a religião oferece na formação de uma cultura libertadora. A religião não existe como um fim em si própria, mas com o objetivo de formar pessoas que se reconheçam ligadas com outras pessoas e, assim, contribuir com todas as formas de vidas existentes (a terra e todos os seres vivos) e, nesta relação, aberta ao divino, proporcionar, cada vez mais, uma harmonia que pode ser melhor alcançada valorizando a beleza da arte em sintonia com a religião.

Ao tratar de religião, consideramos a diversidade religiosa, assim, estamos em unidade com o Concílio Vaticano II que, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, apresenta um olhar otimista sobre a presença universal da ação do Espírito, inclusive em outras religiões. O documento reconhece a presença operativa da graça divina em todos os humanos de boa vontade, em cujos corações atua, de forma misteriosa, a ação do Espírito, favorecendo um vínculo essencial com o mistério pascal (GS 22). Portanto, religião, em sentido amplo, pode significar a leitura que se faz da vida, incidindo, assim, na atitude diante do que se acredita. Popularmente “a palavra religião passou a possuir uma nova interpretação etimológica que, construída por autores modernos, associa *religio*, *religionis* à *religare*, com o sentido de ligar ou prender fortemente” (Dicionário Online de Português, 2023).

Em suma, vale ressaltar que a riqueza da religião ainda mais permeada pela beleza da arte nos leva a entender que a legitimidade metafísica da criação é a realização humana. Em vista disso, será sempre importante destacar que arte, religião e cultura, imersas na sociedade deveriam sempre estar a serviço de uma vida de qualidade, propugnada pela tarefa de fomentar cada vez mais uma cultura libertadora, cujo sentido da vida nela se faz brotar.

Religião, sociedade e cultura não estão separadas. A mais legítima tradição cristã afirma o amor de Deus. Tudo o que ele criou, o fez por amor e não para manifestar seu poder: [...]. Talvez seja no amor, efetivamente, que reside o sentido da vida humana e sua semelhança com o jeito de ser de Deus. A canção, portanto, aponta o amor como maneira de se viver a mística e a relação com Deus (Vilas Boas; Manzatto, 2019, p.103).

O valor da religião como um discurso que, também sendo permeado da arte, como tão bem faz Chico Buarque, pode proporcionar à cultura, o desvelar de novas dimensões da realidade e da verdade. Neste sentido, argumentando sobre o discurso religioso nestes tempos tão sombrios e nos remetendo aos estudiosos de Paul Ricoeur, podemos entender melhor a contribuição da religião, seus desafios e valores.

Para Ricoeur, o discurso religioso não carece de sentido, pois é em si, uma linguagem portadora de sentido. E se tratando de uma linguagem capaz de desvelar novas dimensões da realidade e da verdade, o discurso religioso vale a pena ser examinado, como afirma o filósofo, porque nele é dito coisas que, em outras modalidades, não se diz (Nobre; Xavier, 2023, p. 6).

Em outras palavras, a relação arte e religião quando transpassada pela beleza das canções, da poesia, pode cada vez melhor situar a vida em chave de humanidade, possibilitando que cada vez melhor, o ser humano possa viver amando.

É amando que o humano se torna humano e, se, de um lado, isso dá sentido à realização de sua existência, de outro lado, isso o aproxima de Deus, ainda que por chave não religiosa. A canção, portanto, não nega a realidade de Deus, a mística ou mesmo a religião. Apenas situa tudo isso em chave de humanidade, aproximando diversas realidades no horizonte do que é humano (Vilas Boas; Manzatto, 2019, p. 103).

Em suma, a grande tarefa da religião ou a sua contribuição em face a uma cultura, que, paradoxalmente, é rica tanto de arte quanto de religião, consiste exatamente em ajudar as pessoas a se comportarem com a perspicácia daquilo que o Apóstolo Paulo, ponderou em um contexto também desafiador: “Examinem tudo e fiquem com o que é bom. Fiquem longe de toda espécie de mal” (1Ts 5,21-22). E, em face disso, podemos indagar: como saber o que é bom? Ou o que é mal? A partir da perspectiva cristã, ressaltamos que é bom aquilo que favorece a vida para todos, e é mal tudo aquilo que desumaniza, que estraga a vida e a criação criadas por puro amor. Entendemos que esse é um

ensinamento ético que contribui para forjarmos uma cultura humanizadora que contribua com o sonho de Deus de um mundo com vida plena para todos.

A cultura, sua capacidade de se constituir abrigando arte e religião

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão
(Neto, 2020, p.384).

Recorremos aqui, como a linguagem artística de João Cabral de Melo Neto que é grandemente valorizada por Chico Buarque, que, tantas vezes, utilizando-se de exemplos da vida cotidiana, transforma-os em pérolas preciosas, conclamando a todos para a necessidade de unidade, de se dar as mãos, em prol de um projeto comum, como se Chico dissesse: “juntos somos mais”. Pois, como os galos precisam uns dos outros para tecerem a manhã, assim também, necessitamos uns dos outros para tecermos uma cultura humanizadora e sermos, então, capazes de contribuir para o desenvolvimento das capacidades humanas, alcançando a autenticidade da existência. Sempre vale lembrarmos que “a humanização é construção comunitária” (Mariani, 2020, p. 44). Nesse processo, é que a cultura se constitui abrigando arte e a religião. Com as capacidades humanas na tecelagem de uma cultura humanizadora, conseguiremos instituir um verdadeiro progresso social, e, através dele, o progresso da cultura humana. Entendemos que existe uma ligação profunda entre as pessoas, que faz parte da natureza social do humano. A esse respeito, a *Gaudium et Spes* assim afirma:

A natureza social do homem torna claro que o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência. Com efeito, a pessoa humana, uma vez que, por sua natureza, necessita absolutamente da vida social, é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais. Não sendo, portanto, a vida social algo de adventício ao homem, este cresce segundo todas as suas qualidades e torna-se capaz de responder à própria vocação, graças ao contato com os demais, ao mútuo serviço e ao diálogo com seus irmãos (GS, 25).

É neste contato e mútua colaboração entre as pessoas que a cultura se revela em constante transformação em uma cultura humanizadora em contraposição à tentação de uma cultura do descartável. Como sabemos, a cultura não é estática, mas se transforma à medida que se transformam as relações humanas. Na experiência de Chico Buarque, tantas vezes silenciado e perseguido na ditadura militar, descobriu-se a necessidade de buscar novos modos de expressão. Com letras musicais que, aparentemente falavam de relações amorosas ou de histórias de pessoas comuns, no fundo expressavam sua crítica às relações humanas conduzidas por interesses de governos ditatoriais. Como sabemos, a natureza social do homem é tolhida ou colocada sob suspeita por medo de um estilo governamental de que teme perder espaço no poder e dar o livre direito da manifestação e das relações humanas. Chico Buarque tem

uma visão crítica da realidade e, mediante a sua finíssima arte, expressa a denúncia da opressão, como podemos observar no fragmento abaixo:

Carnaval, desengano.
Deixei a dor em casa me esperando
E brinquei e gritei e fui vestido de rei
Quarta-feira sempre desce o pano
(...)
Que gente longe viva na lembrança
Que gente triste possa entrar na dança
Que gente grande saiba ser criança
Que gente longe viva na lembrança...
(Buarque. Sonho de um carnaval, 1966).

No tecido cultural do presente, compreendemos que a importância de uma justa valorização e aproximação entre religião e arte se faz tanto urgente quanto mais se tem noção dessa sua importância. E isso se faz justamente por entendermos que as canções de Chico Buarque, alertam para a necessidade de se ter clareza, de “que é incompatível dizer que se ama a Deus e não ama o ser humano em convergência com um princípio bíblico de fundamental importância, a fé cristã: ‘Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso’ (1Jo 4,20)” (Vilas Boas; Manzatto, 2019, p. 110). Aqui, é possível recordarmos o modelo bíblico de denúncia de opressão de um povo, principalmente nas descrições apocalípticas. Em uma palavra, a cultura que se constrói, tendo a feliz sorte de abrigar arte e religião, indubitavelmente contribuirá para uma forma de pensar Deus que faça jus ao Ser Supremo, cuja alegria consiste em ver as criaturas felizes, com vida digna.

O poeta ainda que não religioso, ajuda inclusive o religioso a perceber de forma parabólica e com imagens do contemporâneo que Deus se zanga com aqueles que resistem ao amor com a desculpa de amar o Criador, percepção essa de maior dificuldade às posturas autorreferenciais, em que a teologia acaba por ser feita para legitimar privilégios (Vilas Boas; Manzatto, 2019, p. 111).

Enfim, como a vastidão da obra de Chico Buarque é inesgotável, vale dizer que o presente texto teve a pretensão de dar ao autor um lugar de destaque no sentido de ressaltar a importância e urgência de sua obra em face aos desafios do presente. “No cancionário buarqueano há espaço para quase tudo. Difícil encontrar uma temática que não esteja contemplada em sua prosa-poética, em suas canções populares e, com elas, exalta-se, entre outras coisas, a diversidade e miscigenação da cultura brasileira, esse ‘caldeirão de raças’” (Cavalcante, 2019, p. 133). Sendo assim, ao valermos-nos de sua voz profética e de sua arte ímpar, desejamos, como que num grito surdo pela ação, provocar ao leitor do presente, a fazer um bom uso de sua arte para dar maior voz à religião em vista de uma cultura cada vez mais humanizadora.

Considerações finais

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
(Buarque, Construção, 1971).

Ao percorrermos sobre os elementos que formam uma cultura libertadora a partir de fragmentos artísticos de Chico Buarque, percebemos e afirmamos, então, que a arte e a fé são culturas que se manifestam através de mecanismos como o pensamento reflexivo e contemplativo. Compreendemos que a ação de quem reflete e contempla, embasados pela sua fé e pelos preceitos evangélicos valoriza, antes de tudo, a pessoa bem como todos os seres da criação, a casa comum, e, para evidenciar a beleza e a dignidade humana, constrói arte e vive a sua religiosidade.

Em vista disso, entre tantas outras oportunidades do humano, de modo privilegiado, nas expressões de arte, também deixam sempre uma sensação de mistério, que parece ter espaço para contemplação da grande arte divina: o humano. A riqueza nas canções de Chico Buarque, nos faz buscar pelo sentido do que ele pensa, mas, sobretudo, nos faz buscar pelo sentido da realidade que suas canções expressam. O mergulho na realidade social, que sua arte possibilita, que nos faz ter uma fé encarnada e, dessa forma, construiremos, cada vez mais intensamente, uma cultura libertadora.

A presente reflexão, ao procurar trazer alguns fragmentos das canções de Chico Buarque, ao mesmo tempo em que faz um tributo ao autor, procura lançar luzes na importância e urgência de sua obra para o presente. Nela está uma rica oportunidade de recuperarmos o amor inerente ao humano em prol de um bem-viver. “Em sua obra, Chico canta o amor em todas as suas dimensões; amor ao Brasil e à sua cultura, à língua portuguesa, ao trabalho, à justiça, à cidadania, à democracia, ao ‘menino vadio’, à “Teresinha”, “Bárbara”, “Ana” [...] e, com certeza, tantas outras anônimas” (Cavalcante, 2019, p. 135). Nesse sentido, queremos dizer que:

Pra se viver o amor
Há que esquecer o amor
Há que se amar
Sem amar
Sem prazer
E com despertador
Como um funcionário
(...)
É por isso que se há de entender
Que o amor não é um ócio
E compreender
Que o amor não é um vício
O amor é sacrifício
O amor é sacerdócio
Amar
É iluminar a dor
- como um missionário
(Buarque. Viver do amor, 2003).

Que saibamos viver do amor para aproveitarmos o bem que sai da imbricação entre arte e religião em prol de uma cultura humanizadora, uma cultura que valorize o ser humano em todas as suas dimensões.

Referências

ALVES, Rubem. **Creio na ressurreição do corpo**: meditações. São Paulo: Paulus, 1984.

BÍBLIA SAGRADA. **Edição Pastoral**. 14ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 1995.

BINGEMER, Maria Clara. **Teologia e Literatura**. Afinidades e segredos compartilhados. Petrópolis, RJ: Vozes; Editora PUC, 2015.

BUARQUE, Chico. **Estado de Minas**. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/04/24/interna_politica,1485316/leia-na-integra-o-discurso-de-chico-buarque-no-premio-camoes.shtml. Acesso em 05 de maio de 2023.

BUARQUE, Chico. **Apesar de você**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/7582/>. 1978. Acesso em 05/05/2023.

BUARQUE, Chico. **Sobre todas as coisas.** Disponível em https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=sobre+todas+as+coisas+chico+buarque&ie=UTF-8&oe=UTF-8#wptab=si:AMnBZoGXoTwEAOOPJv19080y853KxIfSYUWCMsZnYLn5FQ9m4V-AeikVngGweArqyMtHzR3_e_mRnjcar9YW3g6B-WwkmtmMRfm2vCxsCStIgFI5zDVZa2qa-IWv7SajboTWJovhTEoFj6DMkIrKt2VT2oLPgFAWBRfw83KnMrZq6jMay_IEvwZMN_bgeJSO_lq38-a7_dZM. 1993. Acesso em 12/05/2023.

BUARQUE, Chico. **Viver do amor.** Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/viver-do-amor.html>. Acesso em 10/05/2023.

BUARQUE, Chico. **Entrevista à revista Brasuca.** Disponível em <https://www.virgula.com.br/home/chico-buarque-declara-voto-para-presidencia-e-diz-que-nao-acredita-em-deus/>. Acesso em 12/05/2023.

BUARQUE, Chico. **Sonho de um carnaval.** Disponível em https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=sonho+de+um+carnaval&ie=UTF-8&oe=UTF-8#wptab=si:AMnBZoGXoTwEAOOPJv19080y853KxIfSYUWCMsZnYLn5FQ9m4V-AeikVngGweArqyMtHzR3rA6Zf0pEX9n8lwFmMXatjEfYRUK_IRGi1JrLOXwzsojF3Md-nYF_zrB3lfnoG9bVRPIKkGh6qRmG-KO58FG2tEQyy9-8luoeJrYMDHf5qJlv6ufDajiFens5udIqT5louNgr5. 1966. Acesso em 12/05/2023.

BUARQUE, Chico. **Tantas Palavras** – todas as letras & reportagem biográfica de Humberto Werneck. 4ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CAVALCANTE, Ronaldo. Apresentação. In. CAVALCANTE, Ronaldo (Org). **Cultura, religião e sociedade em Chico Buarque de Holanda.** São Paulo: Recriar, 2019.

CAVALCANTE, Ronaldo. A eternidade do amor em viver do amor e Futuros Amantes: Ecos de 1Cor 13? In. CAVALCANTE, Ronaldo (Org). **Cultura, religião e sociedade em Chico Buarque de Holanda.** São Paulo: Recriar, 2019.

COMBLIN, José. **A vida: Em busca da liberdade.** São Paulo: Paulus, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição pastoral *Gaudium et Spes*.** São Paulo: Paulinas, 2013.

DICIONÁRIO ONLINE. **Religião.** Disponível em <https://www.dicio.com.br/religiao/>. Acesso em 12/05/2023.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Corpo, desejo e experiência de Deus: contribuições para uma antropologia teológica em diálogo com Rubem Alves. In: CAMPOS, Breno Martins, MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista; RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Rubens Alves e as contas de vidro:** variações sobre teologia, mística literatura e ciência. São Paulo: Loyola, 2020, pp. 27-45.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Desenho Mágico:** Poesia e Política em Chico Buarque. São Paulo: Editora Hucitec, 1982.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

NETO, João Cabral de Melo. **Poesia Completa.** Organização, estabelecimento de texto, prefácio e notas Antonio Carlos Secchin; com colaboração de Edneia R. Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

NOBRE, José Aguiar; XAVIER, Donizete José. Editorial. In. **Revista de Cultura Teológica.** Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/61845/42161>. Acesso em 10.5.2023.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Recuperar a Criação.** Por uma religião humanizadora, trad. João Rezende Costa, São Paulo, Paulus, 32011.

SESBOÜÉ. Bernard. **Pedagogia do Cristo:** Elementos de Cristologia fundamental. São Paulo: Paulinas, 1997.

VIEIRA, José Álvaro Campos. **Os sem-religião**: aurora de uma espiritualidade não religiosa. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2018.

VILAS BOAS, Alex; MANZATTO, Antonio. A espiritualidade não religiosa em algumas canções de Chico Buarque de Hollanda. In. CAVALCANTE, Ronaldo. Apresentação. In. CAVALCANTE, Ronaldo (Org). **Cultura, religião e sociedade em Chico Buarque de Holanda**. São Paulo: Recriar, 2019.

RECEBIDO: 06/07/2025
APROVADO: 14/07/2025
PUBLICADO: 27/08/2025

RECEIVED: 07/06/2025
APPROVED: 07/14/2025
PUBLISHED: 08/27/2025

Editor responsável: Waldir Souza